



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MILENA AMABILE MORTARI

**“EXTENSIONAR”:
DO VERBO QUIMÉRICO ÀS EXPERIÊNCIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ERECHIM

2021

MILENA AMABILE MORTARI

“EXTENSIONAR”:

**DO VERBO QUIMÉRICO ÀS EXPERIÊNCIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia – Licenciatura da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Sylvania Regina Pellenz Irgang

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Mortari, Milena Amabile

"Extensionar": do verbo quimérico às experiências da Extensão Universitária no Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura / Milena Amabile Mortari. -- 2021.

62 f.:il.

Orientadora: Ms. Silvania Regina Pellenz Irgang

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Erechim, RS, 2021.

1. Extensão Universitária. 2. Experiências. 3. Pedagogia. I. Irgang, Silvania Regina Pellenz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MILENA AMABILE MORTARI

“EXTENSIONAR”:

**DO VERBO QUIMÉRICO ÀS EXPERIÊNCIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

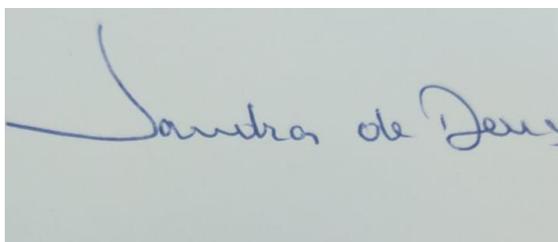
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/05/2021.

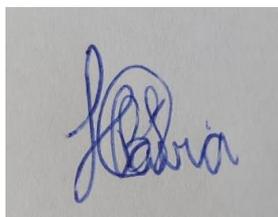
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms. Sylvania Regina Pellenz Irgang – UFFS
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS
Avaliadora



Prof.^a Ms. Flávia Burdzinski de Souza – UFFS
Avaliadora

Dedico este trabalho a os (as)
extensionistas que coalescem suas
experiências com a minha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, Silvania Regina Pellenz Irgang, carinhosamente Regina, por ser contígua a mim na elaboração deste e também por todos os outros fatores demasiadamente informais para estarem registrados nestes agradecimentos formais. Limito-me, portanto, a mencionar que meu sentimento de gratidão é imensurável e me contenta que eu tenha me tornado alguém melhor pela carga de aprendizados que este período como tua orientanda e amiga me proporcionou. Por me orientar que a labuta deve se dar no contexto do amor e não da dor, em suma, este trabalho é a nossa certidão de amorosidade.

Agradeço as convidadas da banca examinadora, Flávia Burdzinski de Souza e Sandra de Fátima Batista de Deus, pois ocupam esta posição pelo destaque não só profissional, mas também pessoal que agregam em minha vida. A Flávia, por me revelar que o percurso é ilimitado e as chegadas são minhas por direito. A Sandra, por ao contemplá-la em minha primeira participação em um evento de extensão, encorajar-me a amplificar minha trajetória com a Extensão Universitária, mesmo sem que sequer soubesse deste feito antes do convite para compor esta banca.

Agradeço a docente dos Componentes Curriculares Trabalho de Conclusão de Curso I e II, Neila Carla Camerini, não apenas pelo amparo dado pela ministração das aulas formais, mas pela aula de empatia, compreensão e afabilidade.

Agradeço a colega do Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura, Pamela Marmentini Corrêa, pelo compartilhamento de angústias e euforias e por não me permitir renunciar dos meus objetivos, firmando o seu itinerário em paralelo ao meu.

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul, ao corpo docente da mesma, ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao ex-ministro da educação Fernando Haddad, estes últimos pela sanção da lei da criação desta universidade, em 15 de setembro de 2009, pelo acolhimento contínuo e por aquiescerem na edificação literal e moral da educação enquanto pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço a os (as) educadores (as) que atuaram em minha vida, pedagogos (as) ou não, por consciente ou inconscientemente terem me guiado até o momento conclusivo do qual vos falo.

Assim como dediquei, também agradeço a os (as) extensionistas, por coalescerem suas experiências com a minha e manifestarem junto a mim a nossa impetuosa potência ao “extensionarmos”.

Em síntese, agradeço a todos (as) que contribuíram direta ou indiretamente para o meu desempenho neste trabalho e, superior a isto, em breve para a minha titulação como Licenciada em Pedagogia, a os (as) que compreenderam as minhas ausências e a os (as) que acolheram meus saberes.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2019, p. 18).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste na temática “Extensionar”: do verbo quimérico às experiências da Extensão Universitária no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura. Em um cômputo de relevâncias pessoais, acadêmicas e sociais, objetiva legitimar o termo utópico “extensionar”, conceituar ensino, pesquisa e extensão, com maior ênfase na extensão, discernir a conceituação de vivência da de experiência, apresentar o público-alvo da extensão e elencar com criticidade os aspectos que requerem aperfeiçoamento na mesma, amparado por recursos testemunhais. Ao contemplar tais objetivos, é ofertada a resposta ao problema de pesquisa que intenciona representar como alcançar, qualitativamente, a efetividade da formação inicial do discente do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura do *campus* Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul por intermédio da integralidade das ações de extensão. A justificação da pesquisa se dá pela consideração da autora de que exista um abismo entre sua constituição pedagógica pré e pós ingressa nas ações de Extensão Universitária que integrou, como no programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e no Programa de Residência Pedagógica. O percurso metodológico deste trabalho se divide em três diretrizes de pesquisa, nas quais o eixo norteador da escrita é autobiográfico, o método de coleta de dados se deu por formulários on-line e, por tais estratégias de pesquisa, caracteriza-se esta como sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa. Esta monografia alcança sua conclusão elencando resultados significativos sobre a Extensão Universitária e aspectos que requerem melhorias para o alcance qualitativo do extensionar, amalgamando concepções advindas das experiências da autora, participantes oriundos das ações de extensão e referenciais teóricos que acordam com a temática.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Experiências. Pedagogia.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis consists of the theme “Extensionar”: from the chimerical verb to the experiences of the University Extension in the Pedagogy course. In a context of personal, academic, and social relevance, it aims to legitimize the utopian term “Extensionar”, to conceptualize teaching, research, and extension, with greater emphasis on extension, to present the target audience of the extension and list with criticality the aspects that require improvement in it, supported by witness resources. When contemplating such objectives, the answer to the research problem that intends to represent how to achieve, qualitatively, the effectiveness of the initial training of the student of the Pedagogy course of the Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim is offered through the integrality of extension actions. The justification for the research is given by the author's consideration that there is an abyss between her pre and post pedagogical constitution that enters the University Extension actions that she has integrated, as in the Permanent Seminar in Child Education extension program, in the Institutional Program of Initiation Scholarships to Teaching and the Pedagogical Residency Program. The methodological path of this work is divided into three research guidelines, in which the guiding axis of writing is autobiographical, the method of data collection took place through online forms, and, for such research strategies, this is characterized as being qualitative research. This paper reaches its conclusion by listing significant results on University Extension and aspects that require improvements for the qualitative reach of the extension, amalgamating conceptions arising from the author's experiences, participants from extension actions, and theoretical frameworks that agree with the theme.

Keywords: University Extension. Experiences. Pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Registro exórdio	19
Figura 2 - Matéria de jornal do Programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil	32
Figura 3 - Projeto Seminário Permanente em Educação Infantil	32
Figura 4 - Projeto Espaços Educativos da Infância	33
Figura 5 - Projeto Estudo da BNCC para a Educação Infantil	34
Figura 6 - Projeto A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público	35
Figura 7 - Diário de bordo do PIBID A	37
Figura 8 - Diário de bordo do PIBID B	38
Figura 9 - Página Pedagogia em Movimento	39
Figura 10 - “A sua dissertação/tese está compreensível para o trabalhador que financiou sua pesquisa?”	42
Quadro 1 - Seminário Permanente em Educação Infantil	35
Quadro 2 - PIBID	38
Quadro 3 - Programa de RP	39
Quadro 4 - Respostas do formulário	45
Gráfico 1 - Ações de extensão de vinculação dos (as) participantes da pesquisa ..	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Atividade Curricular Complementar
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCR	Componente Curricular
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituição de Ensino Superior
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PMGV	Prefeitura Municipal de Getúlio Vargas
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
ProUni	Programa Universidade para Todos
RP	Residência Pedagógica
SEMEA	Seminário Integrador de Extensão
SEPE	Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão
SEURS	Seminário de Extensão Universitária da Região Sul
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
SMECD	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	DO TÍTULO.....	14
1.2	DO DESÍGNIO.....	15
1.3	DO PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
2	EXTENSIONAR	19
2.1	ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	20
2.1.1	Extensão.....	21
2.2	A LINHA TÊNUE ENTRE VIVENCIAR E EXPERIENCIAR	24
2.2.1	Programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil	28
2.2.2	PIBID.....	36
2.2.3	Programa de RP	38
2.3	O PÚBLICO-ALVO DA EXTENSÃO	40
2.4	NEM TUDO SÃO FLORES, MAS... ..	43
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUIÇÁ (IN)FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE A – Formulário.....	56

1 INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária – em letras maiúsculas, pois é condigno o destaque – é a pauta destacada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sobre esta temática, pretendo manifestar concepções adquiridas entre percepções advindas da minha experiência particular e referenciais teóricos de amparo, em um cômputo de relevância pessoal, acadêmica e social. O arranjo delimitado para este trabalho trata do recorte das experiências sucedidas no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura¹ do *Campus* Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Este TCC é redigido em configuração de monografia, sobre qual palavra a etimologia conceitua-se, conforme o dicionário Michaelis, como: “Trabalho escrito, minucioso, em que se pretende dar informação completa sobre determinado tema de um ramo de conhecimento, ou sobre personagens, localidades, acontecimentos etc.”. (MONOGRAFIA, 2021, não paginado).

Para suscitar tal monografia, busco contemplar o que exprime o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, no anexo II, regulamento de TCC do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, na seção II, dos objetivos da atividade de conclusão de curso, no Art. 4º, que se caracterizam como:

- I- aprofundar conhecimentos relacionados à realidade social/profissional/educacional que contribuam com a formação docente;
 - II - discutir temas relacionados à cultura e aos processos educativos;
 - III - refletir sobre a formação profissional vivenciada no curso;
 - IV - aprofundar temáticas vinculadas ao desenvolvimento do estágio.
- (BRASIL, 2010, p. 202).

Propositando a contemplação de tais objetivos do PPC, busco, introdutoriamente, elencar fatores como da delimitação da temática, da justificação, da objetivação, da problemática e do percurso metodológico. Para melhor inteligência, segmentei este texto do modo como disposto a seguir.

¹Seguindo a integralidade da nomenclatura adotada pelo PPC.

1.1 DO TÍTULO

Há prolongado tempo, busco identificar o uso do termo “extensionar” em fins científicos. Apesar de tê-lo encontrado em algumas conjunturas, a falta do achado deste na normatização da língua portuguesa não me permite afirmar que “extensionar” seja uma palavra acordada ortograficamente. Porém, embora talvez informal, o “extensionar”, ou seja, o fazer extensão ou o ser extensionista, conforme conceituação própria, me acompanha no percurso que tenho feito academicamente, legitimando ações, redações e apresentações. Neste trabalho, a necessidade do uso do termo se faz presente e, portanto, passo a tratá-lo sem aspas a partir deste momento inaugural. Como palavra utópica, verbo quimérico ou significado mítico, o extensionar para o extensionista é legítimo, factual e elementar.

Conceituado o verbo quimérico, é preciso seguir desmembrando o título deste TCC em sua integralidade. Basilarmente, define-se a temática da Extensão Universitária como tema gerador deste trabalho, tendo sido após, refinado e delimitado como “Extensionar”: do verbo quimérico às experiências da Extensão Universitária no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura. A palavra experiência mista uma conceituação própria com elocuições teóricas e é definida como minha zona de análise e escrita. Já o recorte territorial explica-se pela classe e recinto em que empreendo minha formação inicial no Ensino Superior, no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura do *Campus* Erechim da UFFS.

Tais determinações delimitadoras do tema justificam-se dado que considero que exista um abismo entre a minha constituição pedagógica pré e pós ingressa nas ações de Extensão Universitária que integrei, como, principalmente, no programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no Programa de Residência Pedagógica (RP). Em consonância a isto, Sylvania Regina, orientadora deste trabalho e também acompanhante de muitos outros estágios da minha graduação, sugeriu tal delimitação da pesquisa que acolhi com muito estimo.

1.2 DO DESÍGNIO

Considero que esta categoria de trabalho, que compreende monografias, dissertações e teses, costuma ter uma bifurcação dos objetivos. Sobretudo, existem os objetivos predeterminados, sobre os quais a pesquisa que rege este trabalho busca contemplar. Na contramão, existem os objetivos que não são previstos, mas ocorrerão a cada vez que esta monografia for buscada, lida e utilizada para fins divergentes dos aqui preestabelecidos.

Portanto, passo a elencar a descrição da objetivação predeterminada deste trabalho. Esta análise da Extensão Universitária objetiva legitimar o verbo quimérico *extensionar*, conceituar ensino, pesquisa e extensão, com maior ênfase na extensão, diferenciar a conceituação de vivência da de experiência, apresentar o público-alvo da extensão e elencar com criticidade os aspectos que requerem aperfeiçoamento na mesma, amparado por recursos testemunhais. Ao contemplar tais objetivos, é ofertada a resposta ao problema de pesquisa que intenciona, desde os primórdios deste trabalho, representar como alcançar, qualitativamente, a efetividade da formação inicial do discente do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura do *campus* Erechim da UFFS por intermédio da integralidade das ações de extensão?

1.3 DO PERCURSO METODOLÓGICO

MÉTODO - Conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras que visam atingir um objetivo determinado. Para se desenvolver uma pesquisa, é indispensável selecionar um método para a coleta e para a análise das informações. Para ser científica a pesquisa precisa ter método com o qual se investiga algo, alguém ou grupo, abordando um aspecto da realidade (tema e/ou objeto da investigação), no sentido de comprovar experimentalmente hipóteses (pesquisa experimental), ou para descrevê-las, para explorá-las, para explicá-las, para compreendê-las ou para fazer tudo isso no mesmo estudo. (SCHWARTZ, 2020, não paginado).

Conceituado método, explícito que o percurso metodológico deste trabalho se dividiu, prioritariamente, em três diretrizes de pesquisa. O eixo norteador da escrita é autobiográfico, a análise de depoimentos externos se deu pelo método de formulários on-line de perguntas e respostas e, por tais estratégias de pesquisa, origina-se esta

como sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa. Estas diretrizes articulam-se e resultam no que se pode denominar ainda como uma pesquisa em educação, sobre a qual para se realizar:

[...] é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas. Esse conhecimento é, portanto, fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa dos indivíduos, a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente. Tanto pode ser confirmado como negado pela pesquisa o que se acumulou a respeito desse assunto, mas o que não pode é ser ignorado. (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 1-2).

Para a contemplação da pesquisa em educação como descrita pelas autoras, optei por discorrer o texto partindo da narrativa autobiográfica. Exemplifico: nem sempre se tem interesse na escolha profissional do (a) outro (a), mas permanentemente nos entusiasmos em saber sobre a (s) sua (s) história (s) de vida. Por isto, este trabalho conta a minha história com a Extensão Universitária. Em uma tentativa de detalhar tal critério metodológico, menciono:

As diversas perspectivas de pesquisa e os modos próprios como os pesquisadores, situados histórico e espaço-temporalmente, a partir das apropriações epistemológicas e teórico-metodológicas do método (auto)biográfico, fazem emergir formas implicadas de produzir conhecimento. Trata-se de um movimento de pesquisa-ação-formação, que tem como centralidade os sujeitos, suas histórias individuais, coletivas, institucionais, de formação, de inserção social, de empoderamento, através das formas como acessam suas memórias, mediadas por experiências e narrativas sobre a vida, em suas múltiplas dimensões. (MORAES; SOUZA, 2016, p. 10).

Partindo deste entendimento, não pude considerar outra metodologia mais adequada do que esta, visto que o trabalho parte da minha própria experiência como acadêmica envolvida em ações de ensino, pesquisa e, com maior predileção, extensão. JOSSO (2004), ao discorrer sobre a história de vida como projeto de conhecimento e como projeto de formação, menciona o conceito de *autopoiésis* como tradutório para o “produzir a si mesmo”, o que manifesta uma síntese conceitual da metodologia autobiográfica, sobre a qual posso ainda conectar ao entendimento de Nóvoa:

A nova atenção concedida às abordagens (auto)biográficas no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo, bem patente na produção literária e artística. Encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1995, p. 18).

Para dar amparo a via autobiográfica, escolhi ainda a complementação metodológica por meio da contribuição oferecida por testemunhos através do formulário on-line, anexado ao termo de consentimento livre e esclarecido e com cópia disponível no apêndice A. Para a efetivação do formulário, selecionei convidados (as) da comunidade envolvida na gestão das ações de extensão das quais participei e pelo período em que atuei nas mesmas. Optei por realizar o convite a uma única pessoa envolvida no programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil, uma no PIBID e uma no Programa de RP, devido ao limitado prazo para a análise dos dados, posto pelas restrições impostas pela pandemia da Covid-19 (Coronavírus). As questões, em síntese, objetivaram determinar os cargos e/ou funções desempenhados, o período temporal da atuação e os testemunhos dos aspectos contribuintes positivamente, dos desafios e das dificuldades. Me amparo no recurso testemunhal como artifício metodológico tendo visto que:

Além da observação dos fenômenos (instrumento de apreensão do real que as ciências humanas compartilham com as ciências naturais), uma maneira reconhecida e comprovada, própria das ciências humanas, de obter informação consiste em colher os depoimentos de pessoas que detêm essa informação. O recurso a esses depoimentos permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, opiniões, sentimentos, esperanças, desejos, projetos, etc. As maneiras de chegar a esses objetos de estudo, e a muitos outros, são variadas: os termos - questionários e entrevistas [...]. (DIONNE; LAVILLE, 1999, p. 183).

A fusão das escolhas dadas para a construção do percurso metodológico, pela autobiografia e pelo formulário on-line de perguntas e respostas, caracteriza esta pesquisa como sendo de abordagem qualitativa, ou seja, de caráter exploratório do tema e intencionando a análise das subjetividades da Extensão Universitária. Qualitativamente, tornou-se possível seccionar as seções do desenvolvimento deste trabalho, visto que:

[...] as pesquisas chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. Essa modalidade de pesquisa veio com a proposição de ruptura do círculo protetor que separa pesquisados e pesquisado, separação que era

garantida por um método rígido e pela clara definição de um objeto, condição em que o pesquisador assume a posição de "cientista", daquele que sabe, e os pesquisados se tornam dados – por seus comportamentos, suas respostas, falas, discursos, narrativas etc. traduzidas em classificações rígidas ou números –, numa posição de impessoalidade. Passa-se a advogar, na nova perspectiva, a não neutralidade, a integração contextual e a compreensão de significados nas dinâmicas histórico-relacionais. (ANDRÉ; GATTI, 2013, p. 30-31).

Agregando a tais tendências metodológicas, fragmento a desenvolvimento de continuidade deste texto, intitulada extensionar, em quatro demais intitulações. A primeira conceitua ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na extensão, mesclando concepções pessoais e referencial teórico. A segunda busca discorrer sobre a linha tênue entre vivenciar e experienciar as ações de extensão, a partir dos entendimentos adquiridos em minha trajetória enquanto extensionista. A terceira seção apresenta o público-alvo da extensão, discorrendo a contabilidade do alcance. A quarta e última seção do desenvolvimento da pesquisa busca apresentar aspectos que exijam intervenções para a ampliação da qualidade do extensionar e a análise dos testemunhos coletados por via do formulário on-line. Por fim, objetivo concluir este trabalho com a apresentação dos resultados quiçá parciais da pesquisa, pois a extensão é o contrário de estática.

A seleção do referencial teórico deste TCC é composta por documentos legislativos, pelos estudos e pesquisas de Deus (2016; 2020) e Larrosa (2019), entre outros (as) estudiosos (as) da Extensão Universitária que cativaram o meu percurso e agora proporcionam o amparo científico adequado a este trabalho. Este foi o percurso metodológico que se apresentou como exequível.

2 EXTENSIONAR

Figura 1 - Registro exórdio



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

A figura 1 é o registro exórdio que, não à toa, compõe a capa deste TCC. Repleto de reminiscência, representa o momento em que me percebo com propensão ao extensionar. Tal fotografia corresponde ao 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS), ocorrido no ano de 2018, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O evento com a temática “Extensão: ação transformadora” calhou na minha própria transformação em extensionista.

Uma breve pesquisa na fonte de busca virtual mais popular resulta no conceito do vocábulo extensão como ato ou efeito de estender(-se) ou dimensão de algo em qualquer direção. Partindo desta premissa, poderia se tencionar o verbo quimérico extensionar como o fazer extensão, meramente. Porém, para que este glossário célere adquira uma significação ampla, é preciso (re)conceituar o que é extensão de maneira minuciosa. Nesta intenção, as seções a seguir dividem-se de forma que, progressivamente, tanto estudiosos da Extensão Universitária quanto leigos da temática possam auferir apreço por este trabalho.

A princípio, busco descrever as concepções de ensino, pesquisa e extensão, com evidente ênfase na extensão. Na sequência, discorro sobre as semelhanças e diferenças entre os termos vivenciar e experienciar, apresentando minhas próprias experiências com a extensão. Após, apresento o público-alvo da extensão e, por fim, apresento aspectos que exigem intervenções para a ampliação da qualidade do extensionar, com a contribuição de recursos testemunhais.

2.1 ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Nos dizeres do PPC do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura: “Para o curso de Pedagogia da UFFS a articulação entre ensino, pesquisa e extensão é o processo por meio do qual é se torna possível “dar vida” à instituição universitária, tornando seu fazer mais próximo das urgências contemporâneas.”. (BRASIL, 2010, p. 157). Partindo desta definição tão estonteante sobre o “dar vida” à instituição universitária, encaminho a intenção da descrição do que se compreende por ensino, pesquisa e extensão.

Legislativamente a universidade, para que se constitua como tal, deve apresentar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão². Apesar de não haver escassez documental que conceitue tal questão, são aspectos tão-somente introdutórios os que intenciono apresentar. Percebo a tríade do ensino, da pesquisa e da extensão como da inserção do discente como iniciador científico. Esta seção

² Conforme o Art. 207 da Constituição Federal.

preambular, que expõe esta tríade como indissociável, pode ser justificada por Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2015, p. 30-31).

As ações descritas pelo autor em forma de palavras, ou seja: ensino, busca, procura, indagação, constatação, intervenção e educação, podem ser percebíveis como os fios condutores dos processos do ensino, da pesquisa e, especialmente, da extensão, (auto)formando-se pela reflexão e constituindo constantes recomeços.

Costumo descrever a tríade, coloquialmente, de tal modo: o ensino trata do que a universidade oferece essencialmente, como da contemplação do currículo formal. A pesquisa é onde a devolutiva da universidade para com a comunidade começa a se manifestar, é ir além, apropriando-se de temáticas de afinidade e compartilhando publicamente os resultados, significando o processo anterior do ensino. Triangulando a tríade, a extensão é o ápice. Para esta, destino a atenção e reservo uma seção específica.

2.1.1 Extensão

A extensão é o ápice. Trata da devolutiva, dada com cientificidade, para a comunidade interna e externa a universidade, em retorno a todos os investimentos que nos são oferecidos, podendo e devendo, quando qualitativa, gerar uma relação indissociável entre universidade e sociedade. A extensão acontece quando a bolha universitária se dissolve e os discentes se inserem em todo e qualquer âmbito da sociedade para o qual possam estar agregando. Não há, ou ao menos não deveria haver, universidade sem extensão, devendo ser caracterizadas estas instituições como mero Ensino Superior. A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Art. 43. expõe que a educação superior tem por finalidade, no que diz respeito a extensão:

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (BRASIL, 1996, não paginado).

Respeitando esta e demais legislações que regem o Ensino Superior no país, o Plano Nacional de Extensão Universitária propõe a conceituação assumida pelos Pró-Reitores no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão, sobre a qual convém a explicitação da Extensão Universitária como:

[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.

Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 2001, não paginado).

Tal conceituação pode sintetizar a tradução da Extensão Universitária como a democratização do conhecimento acadêmico. Em complemento, trata-se daquela que estende, como no nome, o ensino e a pesquisa para além dos muros edificadores da Instituição de Ensino Superior (IES). Pode ser ofertada em formato de docência, conferências, seminários, cursos, eventos, oficinas, mostras, ações culturais ou por outras e inováveis metodologias.

Iniciei esta pesquisa presumindo a Extensão Universitária como sendo uma prestação de serviço a sociedade, porém, ao me aprofundar na teoria que permeia este trabalho, pude ressignificar esta concepção errônea. A extensão não deve ser conceituada como uma dívida a ser quitada, mas como um oferecimento justo para a transposição do senso comum a cientificidade. Já a prestação de serviço a sociedade é papel do estado:

A universidade, particularmente, através da Extensão Universitária, não se apresenta como instituição autorizada a solucionar os problemas sociais, cuja tarefa cabe ao Estado. Cabe, à universidade, fortalecer e se nutrir da troca de saberes não só para a oxigenação interna, mas também para

compartilhamento de conhecimentos testados ao longo de sua trajetória. (DEUS, 2020, p. 92).

Desconstituída a visão que limita as ações de extensão ao assistencialismo, parto para os fatores históricos. Atualmente, percebe-se a Extensão Universitária de maneira formalizada, mas nem sempre foi assim. A extensão não surgiu pronta, mas constituiu-se historicamente, conforme explicitado no Plano Nacional de Extensão Universitária:

No fim dos anos 1950, início dos anos 1960, os estudantes universitários brasileiros, organizados na União Nacional dos Estudantes - UNE, empreenderam movimentos culturais e políticos reconhecidos como fundamentais para a formação das lideranças intelectuais de que carecia o país. Estavam assim definidas as áreas de atuação extensionista, antes mesmo que o conceito fosse formalmente definido. (FORPROEX, 2001, não paginado).

Embora para uma parcela da população pareça recente, esta citação permite perceber que a Extensão Universitária se dá desde os primórdios do Ensino Superior, iniciada por movimentos culturais e políticos e em constante ressignificação. Como já mencionado, a extensão não se dá só, mas parte da relação contínua com ensino, pesquisa e, na conjuntura como do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, também com os estágios:

Com relação à pesquisa, reconhece-se um leque bastante diversificado de possibilidades de articulação do trabalho realizado na universidade com setores da sociedade. Assume interesse especial a possibilidade de produção de conhecimento na interface universidade/comunidade, priorizando as metodologias participativas e favorecendo o diálogo entre categorias utilizadas por pesquisados e pesquisadores, visando a criação e recriação de conhecimentos possibilitadores de transformações sociais, onde a questão central será identificar o que deve ser pesquisado e para quais fins e interesses se buscam novos conhecimentos.

Quanto ao ensino, discute-se e aprofunda-se um novo conceito de sala de aula, que não se limite ao espaço físico da dimensão tradicional, mas compreenda todos os espaços, dentro e fora da universidade, em que se realiza o processo histórico-social com suas múltiplas determinações, passando a expressar um conteúdo multi/inter/trans-disciplinar, como exigência decorrente da própria prática.

O estágio curricular é alçado como um dos instrumentos que viabilizam a extensão enquanto momento da prática profissional, da consciência social e do compromisso político, devendo ser obrigatório para todos os cursos, desde o primeiro semestre, se possível, e estar integrado a projetos decorrentes dos departamentos e à temática curricular, sendo computado para a integralização curricular de docentes e discentes. (FORPROEX, 2001, não paginado).

Apesar de a todo momento relacionada com ensino, pesquisa e estágios, poucas são as minhas percepções quanto a discentes que pesquisam a temática da Extensão Universitária. As buscas sobre o tema costumam resultar em autorias

docentes e não discentes. Portanto, intencionando um TCC insólito e amparada por documentos legislativos e autores (as) como Deus (2016; 2020) e Larrosa (2019), ousou relatar a seguir sobre a minha própria história fazendo extensão. É preciso trazer à tona os objetivos, as metodologias e os sujeitos da Extensão Universitária.

2.2 A LINHA TÊNUE ENTRE VIVENCIAR E EXPERIENCIAR

Há um bordão popular que fala algo como que os bons dias dão felicidade e os ruins, experiência. Discordo. Em minha (s) história (s) de vida, a experiência é o que me constitui como quem eu sou. Intencionando diferenciar vivência de experiência, não me prendo a conceituações etimológicas, mas as que adquiri extensionando. A epígrafe deste trabalho não se isola do restante do texto, pois é composta por uma citação que propiciou significância a muitos momentos do meu percurso formativo, portanto, uso outra vez da licença das palavras do estudioso do experienciar, Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2019, p. 25).

Costumo definir a diferenciação entre os verbos de tal modo: as vivências são ações isoladas, sem intenção e sem continuidade, que ocorrem automatizadas em nossas rotinas. Não as descarto, mas gosto mesmo é das experiências. As experiências exigem de nós o mencionado por Larrosa e são repletas de significância, únicas para cada um (a) que as experimenta. Com a extensão, adquiri experiências tão apreciáveis que não considero ter escolhido tal temática para este trabalho, mas ter sido escolhida por ela. Por isto, reservo um trecho deste trabalho para discorrer sobre meu percurso antes e depois de me caracterizar como extensionista, justificando a metodologia autobiográfica.

Primeiramente, a Educação Básica. Começa na Educação Infantil, vai para o Ensino Fundamental e chega no Ensino Médio. A maioria de nós, discentes de IES

públicas como a UFFS, provém de uma educação que costuma ser tradicionalmente limitada. Tradicionalmente, porque são metodologias de ensino quase estáticas com o passar dos anos. Limitada, porque não oferece perspectiva futura, sempre pondo a ideia de que o fim do Ensino Médio é o limite, pois a continuidade é uma exceção inalcançável, em que Ensino Superior é mérito dos que tem condições financeiras, devendo o estudante das classes mais baixas contentar-se no arranjo de um emprego qualquer.

Cheguei no último ano do Ensino Médio com apenas 16 anos e precisei, no auge da imaturidade e tendenciosa a desvios de conduta, definir uma resposta para a corriqueira pergunta “Vai fazer faculdade de quê?”. Sem qualquer resquício de certeza, oscilava a resposta entre as áreas do direito e da pedagogia. Do direito, porque era o que o meu grupo de amigos mais próximos demonstrava maior interesse, e eu, em uma tentativa de fuga do sentimento de deslocação, seguia o rebanho. Da pedagogia, porque devaneava poder ser uma fagulha capaz de mudar o método de ensino que, naquele momento, me escorraçava. O currículo tradicional me requisitava respostas, mas não me apresentava quais eram as alternativas.

“Vai fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), né?” era outro questionamento quase diário, mas não havia educador que explicitasse os porquês de tantas cobranças para a realização do tal exame. E assim, como o rebanho que segue o pastor sem saber para onde e nem porque vai, nos dias 24 e 25 de outubro do ano de 2015, fiz a prova do ENEM. Percebi ali, pelo meu breve entendimento, a única chance de um Ensino Superior, mesmo sem saber ainda quais precisariam ser os passos seguintes. Na mesma época, um pouco antes ou depois e com esforço para quitar a alta taxa de inscrição, fiz também um vestibular em uma universidade privada, justificado pela mera curiosidade.

A ordem dos fatos seguintes me nauseia, tanto pela lembrança da desorientação, do ponto de vista educacional, quanto do desamparo, do ponto de vista familiar. Primeiramente, veio o resultado da aprovação no vestibular, seguido da contraditória decepção. Como havia chegado até este momento em uma bolha social que me afirmava que estudante de escola pública tinha que batalhar muito para fazer faculdade, sequer considerei a possibilidade de aprovação, pois como já mencionado, o feito foi por mera curiosidade. Com a aprovação e conseqüentemente o convite para matrícula, é chegado o choque de realidade. Como é que a concluinte do Ensino Médio, de classe baixa, com pensão alimentícia em atraso e um emprego informal

pagaria valorosas quantias como da matrícula, dos materiais e das mensalidades? Sem esta resposta, sem matrícula e arrebatada de desesperança, restou a espera pelo resultado do ENEM.

O resultado veio, acompanhado da incerteza do que tais notas significavam e de quais possibilidades se apresentavam com elas. Acalorada pelo rebanho, inscrições distintas e desconexas foram feitas. A primeira chamada do resultado da inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SiSU) não apresentou meu nome, e sem saber que existiam chamadas conseguintes, cessei o aguardo. O sonho do Ensino Superior foi decompondo, até que em um dia, ao chegar com exaustão do trabalho, recebi uma mensagem de um ex-colega, melhor instruído, de que eu havia sido aprovada. Perguntei-me no que, já sem recordação do SiSU, pois havia me inscrito em demasiadas coisas as quais nem sabia para que serviam. Retomei as buscas até encontrar meu nome na lista da segunda chamada do SiSU para o Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura do *Campus* Erechim da UFFS.

A esperança voltou a pairar, acompanhada de um orgulho de si própria que ofuscava o desamparo anterior. Motivada, busquei informações e efetivei a matrícula. Lá estava eu, matriculada no Ensino Superior em uma IES pública, incrédula e permeada de novas dúvidas, mas ainda assim, lá estava.

Um tempo depois, recebi o aviso do resultado de mais uma listagem que, novamente por falta de instrução, havia deixado de acompanhar. Consegui também uma bolsa de estudos integral em uma IES privada, por intermédio do Programa Universidade para Todos (ProUni). Lidando com o espanto de que havia partido de chance nenhuma para a chance de escolher, optei pela primeira opção, acreditando que a UFFS seria a IES que me ofereceria mais qualidade. Mal eu desconfiava do quanto.

Em meio a tanta desordem, ingressei no Ensino Superior no ano de 2016. A partir de então deu-se um início, ocorrido pela transição do antes para o depois. Hoje, dentro das minhas possibilidades, considero a minha experiência acadêmica abundante, mas nem sempre foi assim. Em minhas três primeiras fases, ou seja, semestres no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, minha participação se limitou ao ensino. Precisei deste tempo para me situar como futura pedagoga, pois sou ingressa de um PPC que carrega uma grade curricular com a maioria dos componentes curriculares das primeiras fases como sendo de domínio comum.

Felizmente esta questão já foi reformulada, e a partir do ano de 2018, um novo PPC inseriu componentes curriculares de domínio específico desde as primeiras fases.

A partir da quarta fase, a extensão revelou-se a mim. Primeiramente, pelo PIBID. O programa me inseriu na escola, local principal e essencial da minha atuação enquanto futura pedagoga, e me ofertou meu próprio reconhecimento. Considero a experiência de ter sido bolsista do programa o eixo divisor da minha constituição formativa e, por esta inserção, tive a asserção de que não estava mais perambulando na pedagogia, mas pertencente a ela. Lamentavelmente, por complicações nos editais, o programa foi encerrado alguns meses depois, limitando a minha participação pelo período aproximado de oito meses. Este tempo, embora breve, foi o princípio da minha predileção pela extensão.

Nos meses seguintes a interrupção do PIBID, tive a oportunidade de alcançar a vaga de bolsista de monitoria no programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil. Por 15 meses, logrei o experienciar pleno dado através da extensão. Atendendo, e inclusive excedendo, todos os requisitos do edital, pude me personificar como fruto da indissociabilidade da tríade do ensino, da pesquisa e da extensão. Enquanto fui bolsista, apresentante, oficinaira, palestrante, etc., fui extensionista.

No ano de 2020, no auge de uma temporada pandêmica, o PIBID retorna ao *Campus* Erechim da UFFS acompanhado de um contemporâneo companheiro, o Programa de RP. Neste, a parceria coletiva se mostrou necessária para que, em um momento crítico das possibilidades de ensino, constituíssemos ações beneficiadoras da contemplação dos aspectos da tríade já mencionada.

Minha participação em tais ações de extensão me propiciou envolvimento interno e externo em eventos como o SEURS, o Seminário Integrador de Extensão (SEMEA) e o Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE) e em localidades como o *Campus* Chapecó da UFFS, a UFRGS e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre outras produções e compartilhamentos destas, constituindo experiências proporcionadas pelo extensionar.

Tal percurso é descrito de forma breve se comparado a quantidade de experiências proporcionadas pela extensão. Através dele, elenco a motivação pessoal, acadêmica e social deste trabalho. Apesar da prevalência do âmbito pessoal, estes escritos buscam, com o embasamento teórico adequado, atender as demais motivações da pesquisa.

Meu curso dispunha da previsão inicial de cinco anos de duração, porém, devido ao intervalo dado pelo cancelamento das aulas pela pandemia da Covid-19 (Coronavírus), este período já se aproxima de seis anos. Durante esta temporada pude atuar, como mencionado anteriormente, em diversas ações de ensino, pesquisa e extensão. Neste trabalho, selecionei discorrer sobre aquelas que se destacam: Programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil, PIBID e Programa de RP. Apesar destes dois últimos serem corriqueiramente associados ao ensino, é por seus aspectos de extensão que busco vinculá-los a este texto. Justifico tal delimitação das ações pelo recorte das experiências em que atuei como bolsista, porém, registro que atuei e atuo voluntariamente em outras para além destas.

A sistematização das minhas experiências, como descritas neste TCC, pautou-se por uma pesquisa autobiográfica, além de construir-se com nuances como a descrição de Oscar Jara Holliday (2006) ao apresentar reflexões sobre a sistematização de experiências. De acordo com Ana Cristina Milanez de Oliveira Kiel e Petra Ascher (2006, p.8), na apresentação da obra “Para sistematizar experiências”, destacam “como um instrumento para a reflexão crítica e ferramenta de planejamento dos processos de sistematização de experiências e para o fomento à disseminação de lições aprendidas”. O autor pressupõe tal instrumento com uma “Concepção Metodológica Dialética que entende a realidade histórico-social como uma totalidade, como processo histórico [...]; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos” (2006, p. 8).

É através deste recurso metodológico de sistematização das experiências que enxergo como possível o alcance da reflexão sobre as ações as quais escolhi destacar nesta monografia. Nesse sentido, a sequência a seguir busca sistematizar as minhas experiências enquanto universitária do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura do Campus Erechim da UFFS, sendo tal sistematização motivo de ufania e inspiração atual e futura de pesquisa.

2.2.1 Programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil

O programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil se deu de maio de 2018 a julho de 2019. Teve como coordenadoras a Prof.^a Ms. Flávia

Burdzinski de Souza, do início até o mês de março do ano de 2019 e desde então até o final, a substituição pela Prof.^a Dr.^a Zoraia Aguiar Bittencourt. Teve como bolsista de monitoria a discente do curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, Milena Amabile Mortari. O programa efetivou quatro projetos, sendo, em ordem de implementação: Seminário Permanente em Educação Infantil, Espaços educativos da infância, Estudo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público.

O primeiro projeto, que intitula o programa, foi o Seminário Permanente em Educação Infantil. O projeto se justificou pelo contato da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMECD) de Getúlio Vargas, município vizinho ao *campus* Erechim, que, ao tomar consciência de ações realizadas anteriormente pela UFFS no município, solicitou cooperação para a realização de formações continuadas a os (as) educadores (as) da etapa da Educação Infantil da rede municipal. Para tanto, o projeto objetivou formar, capacitar e qualificar estes profissionais. Os encontros foram realizados em espaços cedidos pela Prefeitura Municipal de Getúlio Vargas (PMGV) ou nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), sendo quinzenais em 2018 e mensais em 2019. O projeto ofertou formação continuada através de palestras, seminários, exposições, estudos, leituras, oficinas, comunicação e socialização de experiências, entre outras estratégias. Os (as) educadores (as) puderam se beneficiar de seminários que contemplaram temas como educar e cuidar na creche, contexto político e social da Educação Infantil, docência, currículo na primeira etapa da Educação Básica, BNCC e outros documentos educacionais, oficinas de literatura infantojuvenil e musicalização, relatos de estágio curricular supervisionado e brincar e interagir, além de receber a brinquedoteca da universidade de maneira itinerante no município. Também foi possível estabelecer contato com as famílias das crianças das escolas envolvidas na formação, desenvolvendo uma reunião de encontro com os pais para explicar como as escolas estavam inovando em suas propostas educativas, colocando o brincar como eixo central do currículo escolar.

O segundo projeto, também previsto no planejamento inicial do programa, articulou os Cursos de Graduação em Pedagogia – Licenciatura e em Arquitetura e Urbanismo – Bacharelado. A justificativa se deveu ao fato de que pouco se pensa em móveis adequados para as crianças. Desse modo, o objetivo do projeto foi, além de articular dois cursos de graduação distintos, estudar e projetar mobiliário que pudesse complementar a brinquedoteca do *campus*. No espaço da brinquedoteca, docentes e

discentes dos cursos estudavam sobre as demandas das crianças, suas necessidades, espaços e corpos e projetavam o mobiliário, além de articular a comunicação e o estudo através de um grupo organizado na rede social Facebook. Os estudos permearam as abordagens de autoras como Emmi Pikler, Maria Montessori e das escolas de Reggio Emilia. O resultado final foi a projeção e a construção de alguns móveis que foram expostos e posteriormente doados a brinquedoteca.

O terceiro projeto não foi previsto inicialmente no planejamento do programa. A justificativa da execução deste se deu, portanto, devido a implementação da BNCC e, em consequência, as procuras constantes por formações continuadas ofertadas pela UFFS, solicitadas pela região do Alto Uruguai, pertencente ao *campus* Erechim. Como forma de atender a demasiadas contatações, foi optado pela oferta de um curso que estudasse o documento, ofertando 50 vagas para gestores (as) educacionais da região. O objetivo foi oferecer, de forma concentrada, um estudo dinâmico que qualificasse os (as) participantes nos conhecimentos sobre a BNCC para a Educação Infantil. Em cinco encontros e em oito turnos, os (as) participantes puderam assistir a seminários temáticos, palestras, oficinas e paralelamente realizar estudos orientados a distância. Após a proposta foi de que, como gestores (as), pudessem disseminar os conhecimentos em suas regiões de abrangência. Foi um momento para aproximar os estudos realizados a nível universitário com as demandas das escolas de Educação Infantil da região e fortalecer os laços entre Ensino Superior e Educação Básica.

O quarto projeto, também incluso posteriormente ao planejamento inicial do programa, decidiu abrir o espaço da brinquedoteca para visitas da comunidade externa. Dos meses março a julho do ano de 2019, nas terças e quintas-feiras, das 14 às 16 horas, foram recebidas escolas da região do Alto Uruguai, com suas crianças acompanhadas dos (as) educadores (as). As crianças puderam brincar em todo o espaço, além de realizarem piquenique na área externa e *tour* pelos outros espaços da UFFS. Os (as) educadores (as) puderam refletir sobre sua *práxis*, obter inspirações e trocar experiências. Como forma de encerrar o programa, esta ação itinerou a brinquedoteca em conjunto com o primeiro projeto, conforme citado anteriormente.

Todos os projetos previstos foram efetivados, com inclusões vindas de demandas da comunidade que é afetada pelo extensionismo das IES e sem quaisquer reduções. O programa de extensão atingiu mais de 1.000 pessoas, sempre buscando ser público, gratuito e de qualidade, assim como a universidade que o tem como

mantenedora, portanto, fortaleceu, em sua vigência, a tríade do Ensino Superior: ensino, pesquisa e extensão. As ações buscaram sempre atender a demandas da sociedade externa como forma de ofertar retorno, como universidade, dos investimentos que nos são dados pela comunidade.

Dos impactos das ações e resultados obtidos: Mais de 1.000 pessoas, compreendendo entorno de 100 educadores no projeto Seminário Permanente em Educação Infantil, entorno de 20 docentes e discentes no projeto Espaços educativos da infância, entorno de 60 participantes no projeto Estudo da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e entorno de 800 crianças e professores no projeto A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público. As metas propostas tiveram os resultados alcançados de forma completa, eficaz e satisfatória, beneficiando todos (as) os (as) participantes de todos os projetos. Os resultados foram não só alcançados como excedidos, com a inclusão de um projeto e um curso não previstos na proposta inicial do programa de extensão.

Da produção intelectual, constam: Apresentação oral do artigo “Espaços brincantes na Educação Infantil: ações de extensão e formação docente”, das autoras Flávia Burdzinski de Souza e Milena Amabile Mortari no VIII SEPE, apresentação oral do artigo “Seminário Permanente em Educação Infantil”, das autoras Flávia Burdzinski de Souza e Milena Amabile Mortari no II SEMEA, apresentação do pôster “Estudo da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil”, das autoras Flávia Burdzinski de Souza, Milena Amabile Mortari e Milena Escher no SEMEA, mostra interativa e produção do artigo “Reflexões sobre os espaços no cotidiano infantil”, das autoras Flávia Burdzinski de Souza, Josiele Eliane Wall, Lidianne Laizi Radomski e Milena Amabile Mortari no 36º SEURS e apresentação por vídeo e produção do artigo “A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público”, das autoras Flávia Burdzinski de Souza e Milena Amabile Mortari no 37º SEURS. A seguir disponho, para fins de ilustração, de uma seleção de registros midiáticos do programa.

Figura 2 - Matéria de jornal do Programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil



Fonte: Jornal Tribuna Getuliense

Figura 3 - Projeto Seminário Permanente em Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

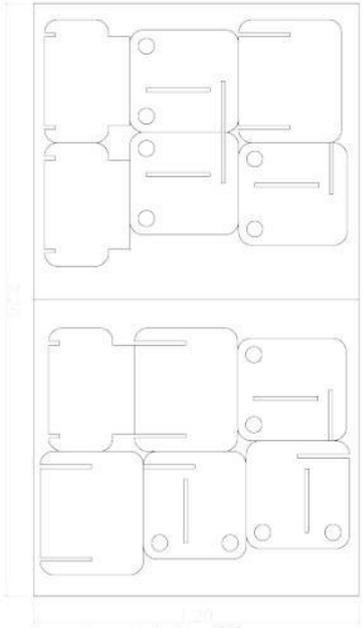
Figura 4 - Projeto Espaços Educativos da Infância

WOODY

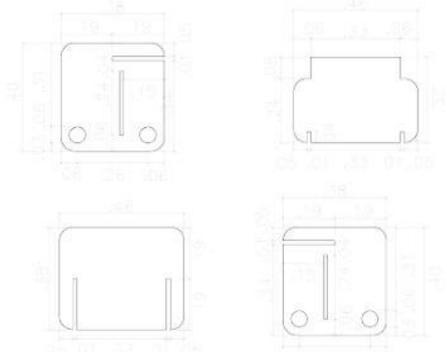


O mobiliário Woody foi pensado para crianças com faixa etária entre 3 meses e 6 anos, a partir das ideias e metodologias Montessori. Desenvolvido com uma proposta de versatilidade, pode ser utilizado como banco ou mesa, possuindo duas alturas diferentes, considerando os níveis etários abordados. Os encaixes foram pensados com o intuito de dar estabilidade ao mobiliário e com formas arredondadas, adequando o desenho para as crianças. O processo criativo de mobiliário iniciou-se a partir de testes, pensando em como dar estabilidade e rigidez para o móvel apenas com os encaixes, sem a utilização de cola ou parafusos. Para isso foi feita uma pesquisa de estudos em uma escala reduzida, a partir da qual foi possível testar os alturas, os encaixes, ver os formatos, os pontos de instabilidade e, posteriormente, aperfeiçoar o desenho.





Aproveitamento da placa OSB
Escala 1:10



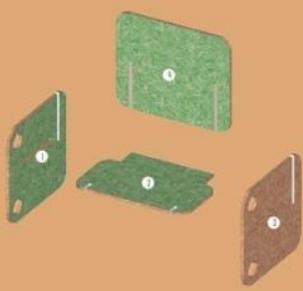
Vista das peças
Escala 1:10

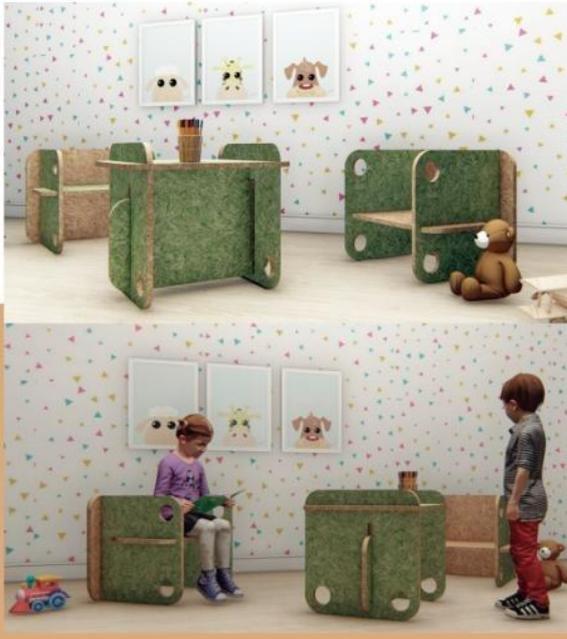
Montagem

É indicado que a montagem seja montada por duas pessoas e em uma superfície plana.

1. Posicionar a peça 1 corretamente.
2. Posar a peça 2 por dentro da corte horizontal e, sustentavelmente, empurrá-la no sentido do sentido da peça 2.
3. Posar a peça 3 por dentro da corte horizontal da peça 1 e, sustentavelmente, empurrá-la no sentido do sentido da peça 3.
4. Posar os cantos da peça 4 nas cortes das peças 1 e 2 e empurrá-la verticalmente para baixo.

As peças devem ser colocadas exatamente no mesmo ponto de encaixe para que as peças não fiquem fora do eixo planejado. O resultado do não fazer isso é a instabilidade do conjunto. Quando as peças não se encaixam corretamente, deve-se conferir o sentido das peças. É indicado que o mobiliário não seja montado e desmontado muitas vezes, para não comprometer a estabilidade das peças.





Centro Experimental IB - Universidade Federal do Rio Grande Sul
Projeto desenvolvido por: Ana Carla Moura, Ana Tadeu, Bianca Ely, Franziska Engel, Júlia Valjeira, Jaticia Nóbrega e Herman Victor Schnorr

Fonte: Discentes Letícia dos Santos Albarello, Rennn Victor Schnorr e Taynara Chayane Christmann, do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Bacharelado do *Campus* Erechim da UFFS

Figura 5 - Projeto Estudo da BNCC para a Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Figura 6 - Projeto A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

O quadro a seguir, assim como os demais das subseções seguintes, busca dispor, com brevidade, a síntese descritiva dos programas, o período que compreendeu minha atuação e o público-alvo.

Quadro 1 – Seminário Permanente em Educação Infantil

SÍNTESE DESCRITIVA	PERÍODO DE ATUAÇÃO	PÚBLICO-ALVO
Compreendeu quatro projetos, sendo eles: Seminário Permanente em Educação Infantil, Espaços educativos da infância, Estudo da BNCC para a Educação Infantil e A universidade, a comunidade e o brincar: a brinquedoteca como espaço público.	Maio de 2018 a julho de 2019.	Educadores, crianças, docentes e discentes.

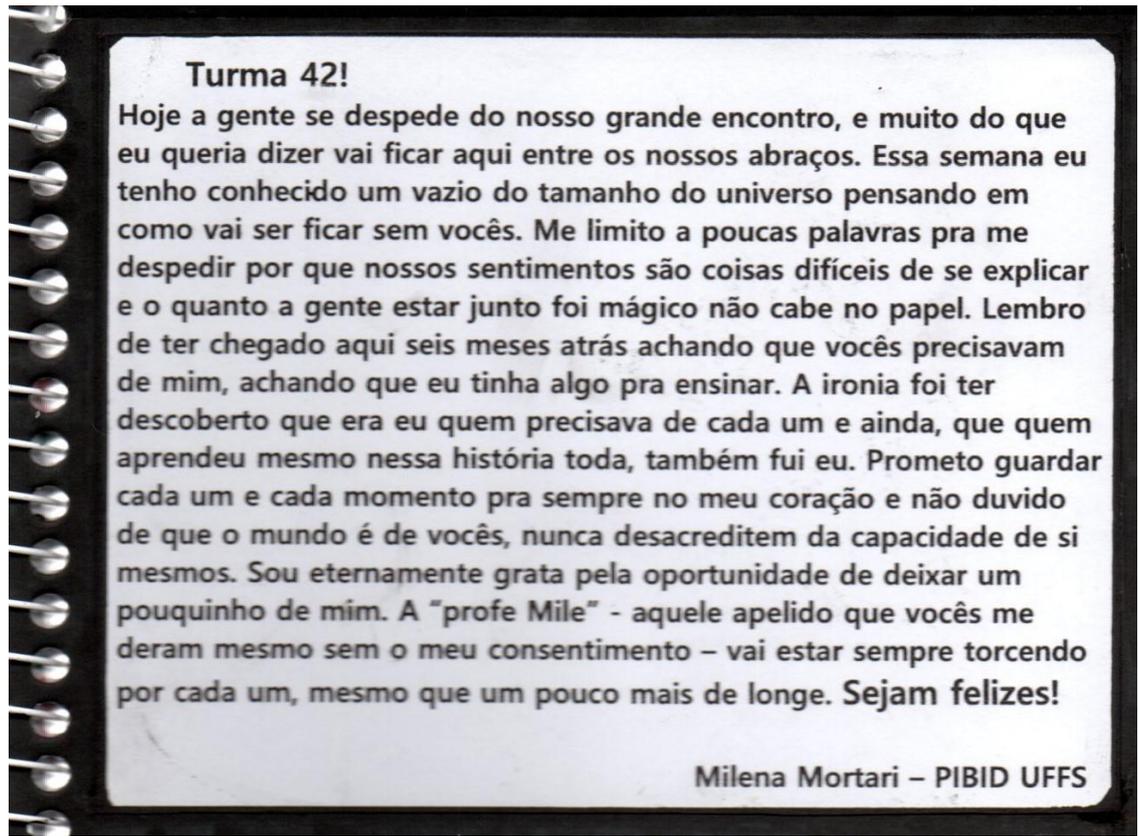
Fonte: Autoria própria

Tais descrições do programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil sucedem, em partes, da sintetização do Formulário único de relatório final – Edital 1098/UFFS/2017 (BITTENCOURT; MORTARI; SOUZA, 2019).

2.2.2 PIBID

No PIBID, atuei auxiliando e aprendendo com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Dr. Sidney Guerra, no município de Erechim. Em paralelo a esta atuação e em conjunto com todos (as) os (as) “pibidianos” (as) da escola, planejamos ações para a contemplação de um projeto de literatura infantil. Realizamos contações de histórias através do sistema de som da escola, construímos um varal literário com gêneros textuais diversos e revitalizamos demais espaços. Apesar de breve, meu período como “pibidiana” trouxe vínculos que jamais serão esquecidos, ficando registrando com grande estimo em minha trajetória formativa como o despertar da minha afeição pela docência. Em exemplo a isto, trago uma seleção de registros retirados do meu diário de bordo que podem proferir por mim:

Figura 8 - Diário de bordo do PIBID B



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Quadro 2 – PIBID

SÍNTESE DESCRITIVA	PERÍODO DE ATUAÇÃO	PÚBLICO-ALVO
É uma política de formação inicial de discentes que visa a valorização do magistério.	Agosto de 2017 a março de 2018.	Instituições de ensino associadas, seus educadores e estudantes.

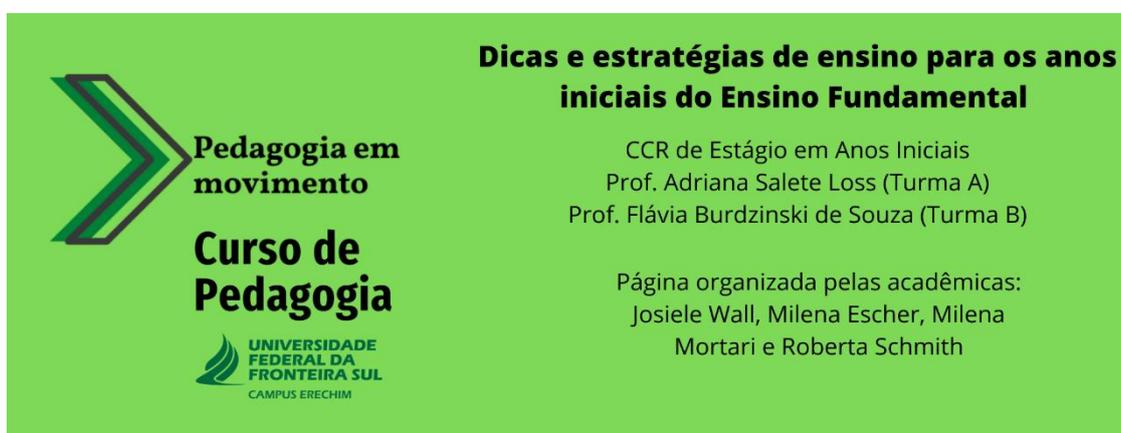
Fonte: Autoria própria

2.2.3 Programa de RP

O programa de RP tem se dado, desde sua implementação no *Campus* Erechim da UFFS, no contexto de ensino remoto pela pandemia da Covid-19 (Coronavírus). Portanto, ainda não houve inserção dos discentes nas escolas-campo de maneira efetiva, apenas pelo repasse de materiais produzidos. Minha participação

no programa se encerrou em março deste ano, pois sou provável formanda e, por este motivo, não haveriam condições de iniciar o módulo II e encerrá-lo no prazo previsto. O subprojeto no qual atuei como bolsista foi o de Alfabetização e meu núcleo foi da escola-campo Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Padre Manoel da Nóbrega, do meu município de residência, Getúlio Vargas. Pela participação no módulo I, posso dividir minha experiência com o programa em três categorizações: A primeira é a dos encontros síncronos pelas plataformas on-line, como de socializações da totalidade do grupo de bolsistas e voluntários (as) ou por núcleo. A segunda é da construção de materiais solicitados pela escola-campo, como cartazes para auxílio na prevenção da Covid-19 (Coronavírus). O terceiro foi da vinculação do programa com o estágio curricular supervisionado em anos iniciais do Ensino Fundamental, momento em que as proposições realizadas no componente curricular (CCR) foram vinculadas ao programa de RP, com o compartilhamento da página na rede social Facebook intitulada Pedagogia em Movimento, com dicas e estratégias de ensino para os anos iniciais do Ensino Fundamental, disponível no link <https://www.facebook.com/pedagogiauffs2016> e consequente repasse dos materiais físicos produzidos, como jogos matemáticos e recursos para contações de história.

Figura 9 - Página Pedagogia em Movimento



Fonte: <https://www.facebook.com/pedagogiauffs2016>

Quadro 3 – Programa de RP

SÍNTESE DESCRITIVA	PERÍODO DE ATUAÇÃO	PÚBLICO-ALVO
É uma política que objetiva a inserção de discentes, que já tenham cursado ao mínimo 50% de cursos de licenciatura, na	Outubro de 2020 a março de 2021.	Escolas-campo (escolas públicas de Educação Básica

docência em escolas de Educação Básica.		habilitadas pela Secretaria de Educação ou órgão equivalente e selecionada pela IES para participar do projeto institucional de RP), professores (as) alfabetizadores (as) e crianças em turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.
-----------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autoria própria

Exemplificadas tais ações da minha atuação com a extensão nestes programas, deduzo ter alcançado a elucidação da diferenciação entre vivência e experiência. Limitei-me a discorrer aspectos da relação do experienciar com a pedagogia, mas também obtive experiências quando, no programa de extensão Seminário Permanente em Educação Infantil, tive autonomia para adentrar os espaços políticos do meu município, ou quando, no PIBID, aprendi a dominar o transporte público de uma região distinta, ou ainda, quando no programa de RP adquiri controle sobre recursos tecnológicos até então desconhecidos. Na seção a seguir, objetivo explicitar com mais detalhamento o público-alvo da extensão.

2.3 O PÚBLICO-ALVO DA EXTENSÃO

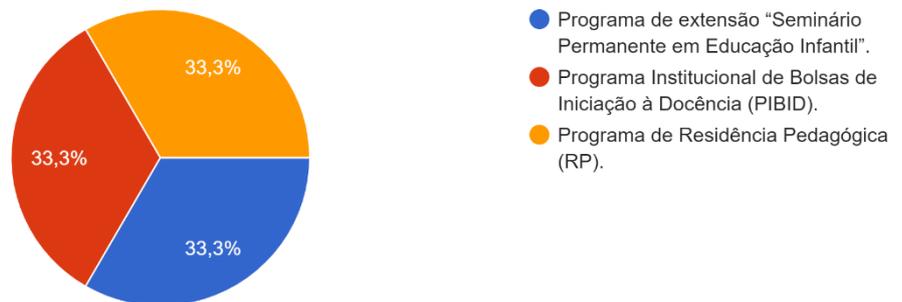
Início esta seção considerando a sugestão da banca examinadora deste TCC, neste momento da professora Sandra de Deus, observando e discorrendo sobre detalhes não percebidos anteriormente. Apesar da terminologia dos documentos sobre a Extensão Universitária ser público-alvo, é preciso explicitar que não temos alvos, mas parceiros no percurso de extensionar. Justificado uso deste conceito, na seção anterior, os quadros 1, 2 e 3 já elencaram, de forma genérica, o público-alvo das ações de extensão sobre as quais escolhi apresentar neste trabalho. Porém, intencionando ir além, questiono: Para quem se extensiona? Respondo: Para todos. Se a extensão é a aproximação com a sociedade que originou a IES, assessoramento dos movimentos sociais e oxigenação da academia, ela deve ser oferecida para toda

a sociedade. Infelizmente, dever nem sempre é sinônimo de efetividade. Em minha pesquisa, convidei três participantes para me fornecerem material para análise. O gráfico 1 demonstra a quais ações de extensão estes (as) participantes são ou foram vinculados (as):

Gráfico 1 – Ações de extensão de vinculação dos (as) participantes da pesquisa

Selecione por participação em qual ação de extensão você foi convidado (a) a responder este formulário:

3 respostas



Fonte: Autoria própria

Quanto aos cargos e/ou funções desempenhados nas ações de extensão, obtive as respostas:

1. "Durante o Seminário Permanente em Educação Infantil eu ocupava o cargo de Coordenadora Pedagógica da SMCD e da Educação Infantil. Eu organizava os encontros em conjunto com o pessoal do Programa de extensão auxiliando no que era preciso. Organizava também o lugar dos encontros e materiais necessários."
2. "No período que fiz parte do PIBID fui supervisora."
3. "Preceptora."

Quanto ao período temporal de atuação nas ações de extensão, as respostas demonstram correspondência com o meu período de atuação. Realizei estas perguntas introdutórias para contextualizar o público que ofereceu suporte a minha pesquisa, composto por gestores (as), porém considero importante mencionar que quando profiro público-alvo, trato da sociedade no todo.

Figura 10 - “A sua dissertação/tese está compreensível para o trabalhador que financiou sua pesquisa?”



Fonte: <https://www.facebook.com/citacoescelebresufc/photos/a-sua-disserta%C3%A7%C3%A3otese-est%C3%A1-compreens%C3%ADvel-para-o-trabalhador-que-financiou-sua-pe/2072873762745167/>

Esta imagem, que compõe uma publicação na rede social Facebook, questiona: “A sua dissertação/tese está compreensível para o trabalhador que financiou sua pesquisa?”. Utilizo e ajusto para questionar: A Extensão Universitária que produz ciência para uma parcela limitada e, ainda, de classes sociais vistas como superiores faz justiça a conceituação de extensão dada pelo Plano Nacional de Extensão Universitária?:

E importante ressaltar que a intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim

produzir saberes, tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população, ou seja: a compreensão da natureza pública da universidade se confirma na proporção em que diferentes setores da população brasileira usufruam os resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, frequentar seus cursos regulares. (FORPROEX, 2011, não paginado).

Elaborei esta breve seção para destacar que a extensão não pode mais se prender ao estabelecimento de fronteiras. A extensão é do (a) universitário (a), do (a) trabalhador (a), do (a) rico (a), do (a) pobre, do (a) branco (a), do (a) negro (a), do (a) indígena, do masculino, do feminino, do não-binário, de todos (as), assim como governos anteriores a promoviam. Assim, não há de haver percas propostas pela extensão, mas ganhos:

Para todos os sujeitos envolvidos, a oportunidade de: trocar pensamentos e opiniões diversas; conviver com pessoas diferentes; superar o individualismo; respeitar mutuamente os profissionais e as comunidades; desenvolver a criatividade; ampliar os laços afetivos, entre outros. (GOMES, 2016, p. 49).

Compartilho das ideias do autor e desejo que tais elementos não fiquem no desconhecimento nem no esquecimento daqueles (as) que, inseridos no Ensino Superior, encontram na extensão a oportunidade de experienciá-la em sua integralidade e usufruir de todas as suas benfeitorias.

2.4 NEM TUDO SÃO FLORES, MAS...

Quando forem, regue. Informalizo esta seção ao usar de uma metáfora para intitular-la, visto que a chegada até aqui pode induzir a percepção de que este trabalho comunica só os aspectos positivos da extensão. É inegável que estes prevaleçam, vista minha predileção, porém, justifico que em um trágico momento de desmontes educacionais, é preciso afirmar e reafirmar a benevolência da Extensão Universitária. Ainda assim, não deixarei de elencar aspectos que demandam intervenções para a ampliação da qualidade do extensionar. Também uso desta seção para a exposição dos testemunhos coletados por via do formulário on-line. Portanto, sei que nem tudo são flores, mas quando são, as rego.

A necessidade desta seção foi posta a mim por meio de um diálogo, durante uma aula síncrona de um CRR, no qual compartilhei me sentir hipócrita ao receber certificações de participação como ouvinte em eventos que não ouvi, de modo literal. Com uma companheira de extensão, analisamos a viagem de participação no 37º SEURS, na UFSC, no ano de 2019. Quando o discente da IES do interior do estado, como no nosso caso, vai para um evento em um município litorâneo como Florianópolis, atiza-se o desejo de aproveitar a ocasião para visitar as praias, os shoppings, os pontos turísticos de que nossa região não dispõe. Nos libertamos, em parte, da culpa de ter evadido de alguns momentos do evento para ir tocar a areia, quando percebemos que é missão da IES que oferta o evento pensar em ações culturais para que toda a massa de docentes e discentes participantes sintam-se acolhidos.

Exemplificando este desejo de acolhimento, destaco o 36º SEURS, ocorrido na UFRGS, no ano de 2018, que aproximou o evento com o que os visitantes buscavam de um seminário dado na capital do estado, destinando um *campi* central para locação e lotando o evento de ações culturais de acolhimento e permanência. Este seminário nos acolheu de tal modo que nem estando o tempo todo dentro do *Campus* Centro da UFRGS foi possível participar de tudo o que estava sendo oferecido.

Sobre esta comparação, (re)menciono que a extensão precisa acolher. Assim como nos eventos a os (as) extensionistas, precisa acolher a sociedade com suas especificidades. Se extensão é dimensão de algo em qualquer direção, que se estenda a acolhida.

Também gostaria mencionar os investimentos enquanto financiadores da extensão. Não há extensionar só pela boa vontade, mas por recursos. Recursos de nós para nós mesmos, governamentais, pela devolução dos impostos em forma de verbas para a educação. A extensão é política e é educação. Um governo que não prioriza a educação sequer entende dos benefícios de investir ou de não investir na extensão. A UFFS, por exemplo, precisa avançar na possibilidade de criação de novos programas e projetos de extensão, de modo que consiga contemplar os objetivos da extensão previstos na Política de Extensão da UFFS:

Art. 4º As ações da extensão universitária tem como objetivo geral garantir a Extensão Universitária como um processo educativo, cultural e científico que, articulado ao Ensino e à Pesquisa de forma indissociável, promova uma relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade, fomentando o diálogo de saberes, a democratização do conhecimento acadêmico e a

participação efetiva da comunidade na construção da Universidade, bem como a participação da Universidade no desenvolvimento regional.

Art. 5º São objetivos específicos das ações da extensão: I - Desenvolver Programas e Projetos voltados para toda a sociedade, comprometidos com a inclusão social, com a produção e a disseminação do conhecimento para a melhoria da qualidade de vida das pessoas;

II - Difundir resultados e benefícios oriundos da criação cultural e artística e da pesquisa científica e tecnológica;

III - Manter a Universidade aberta à participação da população, promovendo amplo e diversificado intercâmbio com instituições, organizações e movimentos organizados da sociedade;

IV - Proporcionar ambiência acadêmica, que favoreça, a partir da Extensão, a construção do conhecimento emancipatório, a capacitação para a atuação profissional do acadêmico e a sua formação cidadã;

V - Promover o respeito à pluralidade de pensamento e à diversidade cultural, com a garantia de espaços de participação dos diferentes sujeitos sociais;

VI - Fomentar o desenvolvimento de programas e projetos a partir de métodos participativos e de pesquisa-ação objetivando promover a cidadania e os valores democráticos dos diferentes sujeitos sociais envolvidos nas ações. (BRASIL, 2017, p. 5-6).

Partindo para a exposição dos testemunhos, relato que planejei e criei o formulário on-line, utilizado metodologicamente nesta pesquisa, na intenção de encerrar o desenvolvimento deste trabalho com considerações externas as minhas que atestassem o compromisso do extensionar, através ainda de sugestões de intervenções para a ampliação da qualidade do mesmo. O quadro a seguir compila estas respostas:

Quadro 4 – Respostas do formulário

	PERCEPÇÕES QUANTO AS CONTRIBUIÇÕES POSITIVAS:	PERCEPÇÕES QUANTO AOS DESAFIOS E DIFICULDADES:
PROGRAMA DE EXTENSÃO SEMINÁRIO PERMANENTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL	“O Programa de extensão auxiliou muito no trabalho pedagógico dos professores e monitores que fizeram parte desses momentos. Veio ao encontro das necessidades que angustiavam os educadores. As práticas realizadas foram de grande importância para as crianças. Eram experiências que permitiam a total participação dos pequenos. Experiências que contribuíam no aprendizado e desenvolvimento dos mesmos. Essa experiência do Seminário	“A dificuldade que percebi foi a acomodação por parte de alguns professores e monitores na resistência à mudança. Sair da acomodação em q trabalhavam fazendo as crianças serem as protagonistas do aprendizado.”

	<p>Permanente em Educação Infantil trouxe um novo olhar e um gás para as escolas, sobre a Educação Infantil. Só veio a contribuir. Foram momentos de muita aprendizagem.”</p>	
PIBID	<p>“Na minha escola o PIBID foi muito importante, os bolsistas sempre vinham com sede de conhecimentos e também traziam muitas informações que vinham agregar ao processo de nossos estudantes, os professores se sentiam instigados a buscar mais conhecimentos.”</p>	<p>“Na minha escola, como fazia parte da equipe diretiva não tivemos muitas dificuldades e também por ter uma equipe de professores bem parceiros e preocupados com a educação, mas sei da dificuldade de aceitação do programa em escolas onde o supervisor não fazia parte da gestão.”</p>
PROGRAMA DE RP	<p>“Pelo fato da pandemia, devido ao Covid-19 ainda não pude perceber grandes contribuições, até pelo fato de ser o primeiro módulo, onde este é um período de adaptação/conhecimento da realidade da qual as acadêmicas estão inseridas.”</p>	<p>“Com certeza o desafio maior foi o momento em que estamos passando devido a pandemia advinda do Covid-19, tendo assim pouco contato e/ou nenhum com a escola, alunos e professores. Além disso houve muita queixa perante as acadêmicas quanto a cobranças do próprio programa, deixando-as sobrecarregadas. Também, pelo momento em que estamos passando as professoras regentes ficaram e estão enfrentando muitas dificuldades pela sobrecarga de seus trabalhos, dispendo de pouco tempo até mesmo para conversar com as acadêmicas. Outra dificuldade e/ou colocação minha enquanto preceptora é que percebi que as acadêmicas que já desempenharam algumas atividades em escolas, bem como participaram de outros programas conseguiram se envolver mais e participar das atividades desenvolvidas nesse momento, sendo esse um desafio para as outras. Também acredito que se faz necessário que as</p>

		acadêmicas/residentes precisam de muita orientação e responsabilidade para conseguir prosseguindo de forma positiva para as escolas.”
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Não estabeleço critérios de criticidade na análise destes testemunhos. A metodologia enuncia análise se dê para reafirmar o já exposto nas entrelinhas: A extensão é a democratização do conhecimento. É preciso confrontar a realidade das demandas da sociedade para saber o que ensinar nas IES. Programas como o PIBID e o de RP auxiliam na melhoria dos *déficits* educacionais do país. Os saberes universitários precisam servir para acolher e não para confrontar. Docentes e discentes engajados na Extensão Universitária se destacam e alcançam um perfil diferenciado. É preciso propagandear a extensão:

No interior das universidades, há um questionamento, tornado público, que provoca: “prá que serve o teu conhecimento?”. No seu exterior, há uma latente necessidade de profissionais com outras competências, que vão além da técnica, que contribuam na promoção do desenvolvimento da sociedade em todas as suas dimensões. (DEUS, 2020, p. 24).

Tais relatos testemunhais demonstram que os desafios são e seguirão sendo permanentes, sendo necessário o fortalecimento da parceria universidade-escola para que as aprendizagens, como as relatadas, sigam sendo mútuas. Ainda, tais metodologias de avaliação como desta pesquisa devem se dar de modo permanente, colocando o (re)conhecimento como prioridade, alcançando uma educação que pauta por melhores condições de vida e ofereça possibilidades. Este é um dos modos sugeridos por mim para que a conceituação de Extensão Universitária possa ser cumprida em efetivo, em que:

A Extensão Universitária é a ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social.

A Extensão Universitária é, portanto, uma das funções sociais da Universidade, que tem por objetivo promover o desenvolvimento social, fomentar projetos e programas de extensão que levam em conta os saberes e fazeres populares e garantir valores democráticos de igualdade de direitos, respeito à pessoa e sustentabilidade ambiental e social. [...].

Além dos cursos de graduação e pós-graduação, a Universidade oferece, também, cursos de formação, capacitação e qualificação para o público, bem

como elabora e administra projetos sociais e ambientais articulados para a comunidade.

Outra função social importante da Universidade é a elaboração e articulação de políticas públicas por meio da participação em fóruns, consultorias e núcleos específicos de atuação.

Além da sua importância como geradora de políticas públicas, a Extensão Universitária deve servir como instrumento de inserção social, aproximando a academia das comunidades adjacentes. (UFES, 2013, não paginado).

No que pode ser visto como uma tentativa de vedar as lacunas da Extensão Universitária, objetivando o alcance qualitativo como o descrita, a resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, estabelece as diretrizes para a extensão na Educação Superior Brasileira e, neste texto, institui a inserção da Extensão nos Currículos do Ensino Superior no país (BRASIL, 2018). As discussões sobre isto ocorrem no mesmo período temporal em que se dá a elaboração deste TCC e, portanto, limito-me a mencionar que este foi tema recente de consulta pública na UFFS, objetivando suscitar uma construção participativa e reflexiva a respeito desta legislação. Nesta consulta ficou evidente que, preliminarmente, terá que haver maiores debates, estudos, diálogos, olhando para nosso contexto universitário e acadêmico, pois parte dos discentes demonstram dificuldade em dissociar a implementação da extensão nos currículos como mais sobrecarga nas grades curriculares. Eu, extensionista, percebo tal legislação como uma oportunidade de proporcionar as vivências da Extensão Universitária a todos/as os/as discentes do Ensino Superior do Brasil.

Encaminhando este trabalho para a etapa conclusiva, recordo o (a) leitor (a) que não existe vocação. Não se é pedagogo (a) nem sequer se é extensionista por vocação, mas por disposição, estudo e resistência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUIÇÁ (IN)FINAIS

Ninguém tira o trono do estudar
 Ninguém é o dono do que a vida dá
 E nem me colocando numa jaula porque sala de aula essa jaula vai virar
 A vida deu os muitos anos da estrutura
 Do humano à procura do que Deus não respondeu
 Deu a história, a ciência, arquitetura, deu a arte, deu a cura e a cultura pra quem leu
 Depois de tudo até chegar neste momento me negar conhecimento é me negar o que é meu
 Não venha agora fazer furo em meu futuro
 Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
 Vocês vão ter que acostumar.
 [...]
 E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo e perder o sono mesmo pra lutar pelo o que é seu
 Que neste trono todo ser humano é rei, seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu
 Pra ter escolha, tem que ter escola, ninguém quer esmola, e isso ninguém pode negar
 Nem a lei, nem estado, nem turista, nem palácio, nem artista, nem polícia militar
 Vocês vão ter que engolir e se entregar
 Ninguém tira o trono do estudar. (BLACK, 2015, não paginado).

Não tenho muito apreço pela semântica que indica o encerramento de um TCC. Neste, considero este todo como um começo. Este trabalho indica a afeição por uma temática que seguirá sendo pesquisada e aperfeiçoada em meu percurso pós a diplomação. Não se trata de um requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, como indica a antecessora folha de rosto, mas de apreço por uma pesquisa de vida e não limitado a esta formação inicial. Dentro das limitações impostas pelo momento atípico em que nos situamos, intencionei desconstituir a perspectiva retrógrada da Extensão Universitária “[...] tratada como ‘o patinho feio da academia’, ‘a prima pobre do ensino e da pesquisa’, como uma atividade a ser desenvolvida tradicionalmente pelos professores ‘menos qualificados academicamente’ [...]” (FREITAS, TAVARES, 2016, p.136).

A Extensão Universitária é o que dá sentido ao currículo universitário. Todo o conhecimento que adquirido só faz sentido se compartilhado, tanto na ida até a sociedade quanto trazendo-a para dentro das IES. Não existe, ou ao menos não deveria existir, fragmentação teórico-prática, mas sim o estabelecimento de vínculos e trocas. O extensionista se apropria das temáticas de afinidade e oferta a devolutiva

justa a sociedade. Paulo Freire, o mestre, relevou há todos estes anos atrás algo que precisa ser revisitado ao fazer extensão: “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p. 68). Uso da palavra devolutiva com constância por hábito, mas amparada por Freire, advirto que a extensão não atua de maneira unilateral, mas pela troca dos saberes.

Na vinculação preestabelecida desta temática de pesquisa com o Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, considero ter sido necessária a vinculação pois minhas convicções sobre a Extensão Universitária ainda são limitadas a este recorte espacial, dadas minhas experiências. Intenciono, após a conclusão deste TCC, seguir e expandir as pesquisas sobre a Extensão Universitária, viabilizando insólitos âmbitos possíveis. Aproveito para solicitar que se planeje a inclusão da extensão nos currículos do curso, desvinculando-a da tão-só obrigatoriedade do cumprimento para validão das Atividades Curriculares Complementares (ACC), em uma calamitosa realidade em que há graduandos concluintes que não sabem explicitar o que é extensão. Sobre isto: “[...] quando se trata da Extensão, surgem as interrogações: o que é mesmo? Para que serve? O quanto se investe? A verdade é que, não tendo clareza da natureza da Extensão dentro da própria instituição, fica difícil dizer para que serve [...]” (DEUS, 2020, p. 13). A mesma autora ainda possui um discurso que, por si só, poderia concluir este trabalho por mim:

A extensão universitária afirma, acima de tudo, que a comunidade acadêmica não pode e não precisa estar fechada consigo mesma. Ela necessita expandir-se. Ela tem esse papel e esse dever. Acima de tudo, ela sobrevive, e se recria a partir do contato com essa diversidade que é apresentada no mundo fora da universidade. A partir deste contato, o mundo em si se transforma, se recria. As pessoas também tornam-se outras. Tornam-se atentas com o que ocorre socialmente em sua volta. Indiferente de sua área de atuação (como Exatas, ou Humanas) o estudante universitário ao viver a experiência da extensão se transforma, consegue atuar no seu trabalho de maneira muito mais consistente. (DEUS, 2016, p. 89).

É farsante a conclusão deste texto sem que se comunique que há um abismo entre os fatos e o ideal quando se trata da Extensão Universitária. Esta pesquisa buscou elencar exemplificações do que vem sendo feito, porém, a procura por melhorias é incessável. Fica o desejo de que em um futuro não longínquo, existam mais aspectos positivos para apresentação.

A pertinência desta temática para a educação é muito atual, como bem percebida pela professora Flávia, integrante da banca examinadora deste TCC, principalmente no contexto de desmontes educacionais em que nos situamos

atualmente. Para futuras pesquisas, talvez caibam metodologias ampliadas como a do estado do conhecimento ou da arte, possibilitando a análise das produções sobre o tema, tendo em vista a escassez de materiais nesta busca preliminar.

Alcanço a seção que encerro este texto na semana em que o atual ministro da economia, Paulo Guedes, profere o discurso de que o Fies é “bolsa para todo mundo” e que filho de porteiro “tirou zero na prova” e conseguiu financiamento³. Respondo-o que seguiremos lutando para que no futuro os (as) filhos (as) dos porteiros estejam todos (as) nas universidades e os (as) filhos (as) saibam labutar.

A experiência proporcionada pela escolha, pesquisa e produção deste trabalho marca não somente meu percurso formativo, mas demonstra ainda, através da exposição dos testemunhos na seção 2.4, que o extensionar deixa marcas por onde passa, oferecendo progressos nos mais diversos âmbitos e para as mais diversas áreas da sociedade. É inegável que os desafios são constantes, que a necessidade da aprendizagem é necessária e que é inevitável acolher de modo ativo-reflexivo todas as cotidianidades postas pela extensão. Deixo energicamente o desejo de que sejamos sujeitos aprendentes em uma realidade de parceria universidade-sociedade. Vida longa à extensão.

Apesar deste ser um tópico arbitrário, não considero justo que não haja locação de nenhum fragmento deste trabalho para a contextualização do momento atípico em que esta monografia é produzida, a pandemia pela Covid-19 (Coronavírus). A Covid-19 é descrita pelo Ministério da Saúde como sendo “[...] uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (BRASIL, 2021, não paginado). Todo o delineamento deste trabalho, incluindo projeção e produção, ocorreu dentro deste período pandêmico em que os protocolos de saúde exigem, imperativamente, distanciamento social e ampliação da cautela com a higiene pessoal e coletiva. Tais recomendações implicaram em uma temporada de suspensão das aulas, seguida da forçosa transferência do ensino presencial para o ensino remoto. Estando os (as) discentes incorporados (as) neste cenário crítico, foi preciso afinco para viabilizar qualquer produção acadêmica. Portanto, é indispensável legitimar a menção a persistência dos (as) que labutaram para balancear o âmbito acadêmico com o das resistências físicas, mentais e emocionais, obtendo a conquista de contribuírem com

³ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/30/paulo-guedes-critica-o-fies-e-diz-que-filho-de-porteiro-tirou-zero-na-prova-e-conseguiu-financiamento.ghtml>.

a ciência em tal fase de demasiadas especulações negacionistas e errôneas. Encerro este TCC tributando-o a os (as) 406 mil brasileiros (as) mortos (as) pela doença, conforme contabilização prestada até o momento deste registro.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernardete. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *In*: PFAFF, Nicolle; WELLER, WIVIAN (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; MORTARI, Milena Amabile; SOUZA, Flávia Burdzinski de. Serviço Público Federal. Universidade Federal da Fronteira Sul. Pró-reitoria de Extensão e Cultura - PROEC. Divisão de Projetos de Extensão. **Formulário único de relatório final - Edital 1098/UFS/2017**. Erechim: [s.n.], 2019.

BLACK, Dani. **O trono do estudar**. [S.l.]: [s.n.], 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: [s.n.], 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/CON1988.asp. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFS. Pró-reitoria de graduação. Diretoria de organização pedagógica. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura**. Chapecó: [s.n.], 2010. Disponível em: <https://www.ufs.edu.br/atos-normativos/ppc/cclper/2010-0001>. Acesso em: 24 abr. 2021.

BRASIL. Serviço Público Federal. Universidade Federal da Fronteira Sul. Conselho Universitário. Câmara de pesquisa, pós graduação, extensão e cultura. Resolução Nº 04/2017 - CONSUNI/PPGEC. **Aprova a Política de Extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul**. Chapecó: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.ufs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consunicppgec/2017-0004>. Acesso em: 30 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Antonio de Araujo de Freitas Júnior. Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014**,

que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014 - 2024 e dá outras providências. Brasília: [s.n.], 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 jun 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença.** On-line: [s.n.], 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 23 abr. 2021.

DEUS, Sandra de. Extensão universitária: sua contribuição para a formação acadêmica e pessoal de estudante de graduação. *In:* GONÇALVES, Nadia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (orgs.). **Princípios da Extensão Universitária: contribuições para uma discussão necessária.** Curitiba: CRV, 2016.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios.** Santa Maria: Editora PRE-UFSM, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216079>. Acesso em: 30 abr. 2021.

DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed: 1999.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Ilhéus: Editus, 2001. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Katia Silveira de; TAVARES, Christiane Andrade Regis. **Extensão Universitária: o patinho feio da academia?** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Interdisciplinaridade e a interprofissionalidade na ação extensionista. *In:* GONÇALVES, Nadia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (orgs.). **Princípios da Extensão Universitária: contribuições para uma discussão necessária.** Curitiba: CRV, 2016.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências.** BRASÍLIA: MMA, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências da vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MONOGRAFIA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. On-line: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/monografia/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MORAES, Dislane Zerbinatti; SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa (auto)biográfica em análise: entre diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 01, p. 10-13, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/2517/1702/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1995.

SCHWARTZ, Suzana. **Glossário pedagógico**. On-line: [s.n.], 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/43738613/GLOSS%C3%81RIO_PEDAG%C3%93GICO. Acesso em: 25 abr. 2021.

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pró-Reitoria de Extensão. **O que é a extensão universitária**. Vitória: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://proex.ufes.br/o-que-e-extensao-universitaria>. Acesso em: 03 jun 2021.

APÊNDICE A – Formulário

“Extensionar”: do verbo quimérico às experiências da extensão universitária no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura.

Prezado (a), você está sendo convidado a participar deste formulário que é parte de uma pesquisa de campo cujo objetivo é contribuir analiticamente na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ao qual intitulo "Extensionar": do verbo quimérico às experiências da extensão universitária no Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura, com orientação da Prof.^a Ms. Silvania Regina Pellenz Irgang. Para tornar a minha pesquisa possível, solicito a sua colaboração na leitura e resposta das questões deste, considerando a sua participação como parcela fundamental na qualidade do meu TCC.

Coloco-me à disposição para instruir qualquer dúvida pelo e-mail milena...mortari@hotmail.com ou pelo contato telefônico (54) 99642-7804.

*Obrigatório

Termo de consentimento livre e esclarecido.

Este termo se apresenta virtualmente devido ao contexto pandêmico, ocasionado pelo vírus Covid-19, no qual nos situamos atualmente. Sua participação não é obrigatória e você tem autonomia para decidir se a deseja, bem como desistir da colaboração desta pesquisa no momento que desejar sem sofrimento de penalizações, e também não receberá remuneração e nem qualquer tipo de recompensa, sendo sua contribuição totalmente voluntária. Caso opte por me fornecer autorização, seus dados serão preservados seguindo todos os protocolos éticos e sua participação na pesquisa se restringirá a cooperar de forma testemunhal nesta e em futuras análises sobre a temática.

1. Sobre o termo de consentimento livre e esclarecido informado: *

Marcar apenas uma oval.

- Estou ciente de minha participação nesta pesquisa intitulada “Extensionar”: do verbo quimérico às experiências da extensão universitária no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, autorizo a utilização de minhas respostas, bem como a posterior análise destas, em possíveis publicações e divulgações científicas, desde que minha identidade seja preservada.
- Prefiro não participar.

2. Selecione por participação em qual ação de extensão você foi convidado (a) a responder este formulário: *

Marcar apenas uma oval.

- Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil”.
Pular para a pergunta 3
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).
Pular para a pergunta 7
- Programa de Residência Pedagógica (RP). *Pular para a pergunta 11*

Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil”.

3. Quais foram os cargos e / ou funções que você desempenhou no Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil”?

4. Por qual período temporal você atuou no Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil”?

5. Na sua percepção, no que e como o Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil” contribuiu positivamente para os (as) educadores (as) e as escolas municipais envolvidas?

6. Na sua percepção, quais os desafios e dificuldades da inserção do Programa de extensão “Seminário Permanente em Educação Infantil” para os (as) educadores (as) e as escolas municipais envolvidas?

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

7. Quais foram os cargos e / ou funções que você desempenhou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)?

8. Por qual período temporal você atuou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)?

9. Na sua percepção, no que e como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) contribuiu positivamente para a escola pela qual você é / foi responsável?

10. Na sua percepção, quais os desafios e dificuldades da inserção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para a escola pela qual você é / foi responsável?

Programa de Residência Pedagógica (RP).

11. Quais foram os cargos e / ou funções que você desempenhou no Programa de Residência Pedagógica (RP)?

12. Por qual período temporal você atuou no Programa de Residência Pedagógica (RP)?

13. Na sua percepção, no que e como o Programa de Residência Pedagógica (RP) contribuiu positivamente para a escola pela qual você é / foi responsável?

14. Na sua percepção, quais os desafios e dificuldades da inserção do Programa de Residência Pedagógica (RP) para a escola pela qual você é / foi responsável?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários